

CHAMADA/CONVOCATÓRIA

Um teatro teórico.

Em 1979, em um texto emblemático ("Só há causa daquilo que falha..."), Michel Pêcheux argumenta que, ao longo da década de 1960, na França, forjou-se uma "Tríplice Aliança" teórica entre Linguística, Marxismo e Psicanálise (Saussure, Althusser e Lacan) que "pretendia 'articular' entre si essas três disciplinas e controlar o trânsito entre os continentes da História, do Inconsciente e da Linguagem". Pêcheux lança um prognóstico: o "trabalho crítico (...) muito provavelmente, acabará destruindo a cidadela da 'Tríplice Aliança'"; então, é preciso discernir as posições que "mais do que nunca, é importante ocupar e defender", mas "sob a condição de que sejam ocupadas e defendidas de um modo diferente". Quatro anos depois, em "Discurso: Estrutura ou Acontecimento?" (1983), Pêcheux aponta para a "crise do marxismo", referindo-se à "negação marxista da interpretação" e convocando a reconhecer que a história é uma "disciplina de interpretação", e não uma "física de tipo novo". "Vamos parar de proteger Marx e de nos proteger nele." Marx não foi o Galileu da história... porque o real sócio-histórico não forma um "sistema estrutural, análogo à coerência conceitual-experimental galileana". Assim, dentro de uma tríplice aliança em apuros, um grande bloqueio ou impasse situava-se no vértice da História. Como se o sujeito e a linguagem, os dois outros componentes da equação, se debatessem e reagissem contra um objeto histórico tão avassalador. Como se a análise do discurso, para se tornar uma disciplina verdadeiramente histórica, devesse primeiro realizar a dolorosa e incerta tarefa de romper e repensar seu vértice histórico.

Saussure, Althusser e Lacan... Se hoje, em um teatro imaginário representássemos, meio século depois, a "política de alianças" da análise do discurso, como figurar a nova cena? Onde se localizam hoje a linguagem, o sujeito e a história? Como um se posiciona em relação ao outro? Quais deslocamentos, quais rearranjos? O que aconteceu com a história? Por enquanto, sua carga objetivante teria sido mitigada. A tarefa do historiador volta a se assemelhar mais às reconstruções de um filólogo do que às dissecações de um fisiologista. Hoje concebemos - ou, pelo menos, pretendemos reconhecer - uma materialidade histórica mais sutil e leve, imbuída e infiltrada pelas propriedades do sujeito e da linguagem. Um tecido fino de linguagem, tempo, facticidade e acontecimento, que se costuma chamar de "historicidade".

As Jornadas.

O objetivo das **JORNADAS DE PESQUISA: "DISCURSO E PSICANÁLISE: OUTRA CENA ENUNCIATIVA" / VI Jornadas de Pesquisa: Formação da clínica psicanalítica no Uruguai, é trabalhar e discutir a relação entre Análise do Discurso e Psicanálise**, a partir dos diversos rumos e desdobramentos decorrentes, fundamentalmente, das obras de **Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jacques Lacan**.

Criadores de experiências, conceitos e estilos muito heterogêneos, esses três autores resistiram à prova do tempo. Como são compostas suas alianças hoje? Como se formam hoje as alianças da análise do discurso? Em quais termos acontece o debate? Ainda procuramos a "articulação" e/ou a forma de "controlar o trânsito" entre história, linguagem e inconsciente? Aprendemos a ocupar e defender posições "de modo diferente", como exigia Pêcheux?

Várias figurações da dicotomia estrutura-história, da "história estrutural" e da "ciência da história" deram lugar à "historicidade", um termo muito mais livre de compromissos. Objetos e conceitos, métodos e técnicas são radicalmente historicizados, até eles revelarem a contingência de seus pontos de emergência. De que modo o sujeito da estrutura histórica recebeu e/ou reconheceu sua própria historicização? A forma-sujeito (Althusser); o sujeito do discurso (Pêcheux); a criança dos complexos de castração e o Édipo (Freud); o sujeito do significante e a teoria dos quatro discursos (Lacan); sem esquecer a naturalização de objetos e conceitos no primeiro Foucault, com sua "ilusão de discurso autônomo"...; todos eles, uma vez submetidos ao teste da "ontologia histórica" (Hacking), como seriam afetados? Como se relacionam com a arqueologia das práticas de subjetivação (Foucault), com a teoria de gênero

(Butler) e com as novas transformações sociais identitárias? Como eles continuam? Num aceno à historicidade, Lacan complementa a teoria dos quatro discursos com um quinto discurso, o "discurso do capitalista". Mais recentemente, a psicanálise lacaniana recupera fôlego teórico através da reflexão sobre sua historicidade, da produção de sua arqueologia e da redescrição de suas categorias de modo situado e sob uma chave discursiva.

Impacto da experiência contemporânea da historicidade, o sujeito (falante) é produzido como objeto histórico (práticas e técnicas de subjetivação, hermenêutica do sujeito), deixando-se indagar e mostrando a formação e os sedimentos que comumente atribuímos aos objetos. Ao mesmo tempo, o objeto se subjetiva e exhibe sua divisão – uma característica, que antes era prerrogativa do sujeito. O objeto histórico (e o arquivo) se divide em enunciado e enunciação.

A linguagem também recebe o impulso atual de historicização. Mas a linguagem é uma condição absoluta da historicização, portanto, fazer da linguagem um objeto histórico é uma tarefa muito mais evasiva e difícil. A nova e verdadeira "reentrada no ser" da performatividade, que, nas últimas décadas, renovou e transformou dramaticamente vários campos de experiência, inclusive o filosófico-epistemológico (Butler, Agamben, Hacking, Mbembe), é razão e exemplo disto. Da mesma forma, a mais recente e impressionante emergência da linguagem inclusiva ou neutra, atribuindo e/ou tornando visíveis aspectos do *ethos* patriarcal em traços, categorias e/ou significados linguísticos e discursivos, também são um exemplo disso. De que forma o real sócio-histórico se codifica, imprime e/ou impregna na materialidade linguística? Para responder a essa questão, a análise do discurso utiliza a hipótese da "autonomia relativa da língua" (Pêcheux).

De forma mais ou menos visível ou latente, com mais ou menos ênfase em um ou outro, Pêcheux, Foucault e Lacan aparecem hoje na prática do analista do discurso, em suas leituras, críticas e formação. Ganhando perspectiva e, talvez, com menos urgência do que antes, transformaram-se em referências compartilhadas. Como se compõe hoje a cena da análise do discurso e da psicanálise? Como circulamos e percorremos os espaços da história, do inconsciente e da linguagem? Como captamos e relacionamos as diversas materialidades? Que lugar ocupa a redescrição de conceitos e a analogia de objetos, de um campo a outro, como Freud fez com a história em "Moisés e o monoteísmo" (1938), ou Lacan, em "Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise" (1953)? Qual é a potência e o limite desse trabalho de redescrição? A historicização das práticas terá surtido seus efeitos, transformando o trabalho crítico e analítico, e hoje podemos colher novos resultados. Cada nova investigação é a chance de recriar e reinventar a metodologia e as referências, fazendo valer a experiência e a posição do analista.